

SIGNOS IRROMPEM E ATRAVERSAM:

PELA ESTRADA A FORA EU VOU BEM SOZINHA COM MEUS SWEET DREAMS...

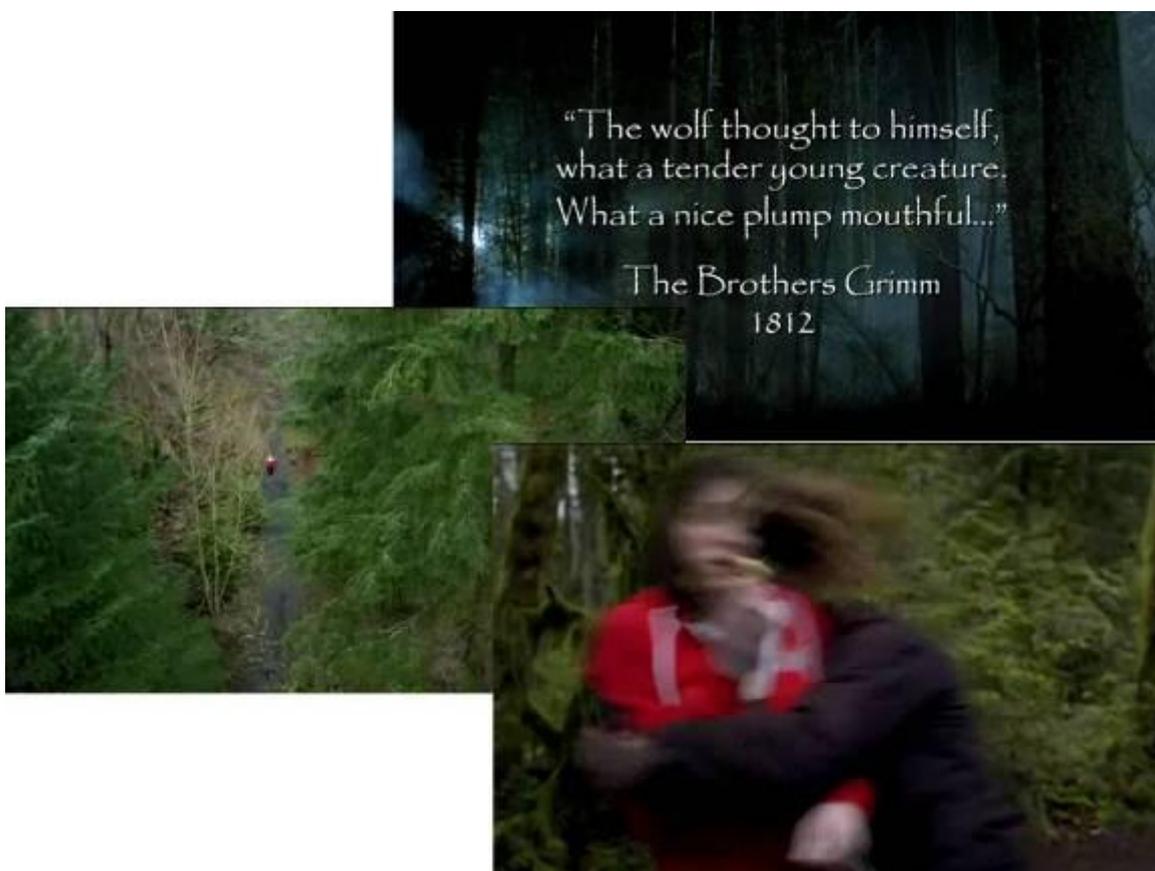
Elenise Cristina Pires de Andrade – Universidade Estadual de Feira de Santana

Giovana Scareli – Universidade Federal de São João Del Rey

Agência Financiadora: CNPq

Sweet dreams are made of this / Who am I to disagree / I travel the world and the seven seas /
Everybody's looking for something.
Eurythmics. *Sweet dreams* (are made of this)

Introduzindo a ação!



Figuras de 1 a 3: fotogramas da série *Grimm*. Fonte:

A cena de abertura do primeiro episódio da série *Grimm*¹ (de onde foram retirados os fotogramas que compõem a imagem acima) tem a música *Sweet dreams*, da dupla Eurythmics,

¹ A série foi criada por David Greenwalt e Jim Kouf para a rede NBC, produzida pela Hazy Mills Productions em parceria com a Universal Media Studios. Esse primeiro episódio piloto foi dirigido por Marc Buckland, em 2011. *Grimm* conta a história de Nick Burkhardt, um detetive de homicídios que tem sua vida transformada ao descobrir que é descendente de uma sociedade secreta, conhecida como *Grimm*. Sua missão, assim como a de seus antepassados, é manter o equilíbrio entre a vida real e a mitologia. O nome da série foi inspirado nos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm,

como trilha sonora, som ouvido pela garota que sai para caminhar. Ela está de vermelho e o caminho que percorre faz parte de uma reserva florestal – qualquer semelhança com uma cena já conhecida não seria “mera coincidência”. Mas, de repente, algo a interrompe. O que seria? Bichos que existem e a gente não acredita ou algum que não acreditamos que não possa existir?

O mundo está cheio de bichos que existem e bichos que não existem.
Tem bicho que existe e a gente não acredita.
Tem outros que a gente não acredita que não existam.
No final das contas, não há diferença entre um bicho que existe e um bicho que não existe.
Todos os bichos existem: nas palavras dos livros e na cabeça da gente (Nestrovski, 2002, s/p).

Músicas, séries televisivas, contos de fadas, e tantos outros artefatos culturais a potencializar essa (não) existência! Quantas imagens de chapeuzinhos, lobos perambulam pelas florestas, telas de computador, produções artísticas e cinematográficas, proliferando sensações, sentidos, educações. *Pela estrada a fora eu vou bem sozinha...*² *Sweet dreams are made of this...* Sons e personagens e bichos e cores e (in)existências que nos acompanham por esse texto (em estradas e sonhos) ao apresentarmos nossas pesquisas com produção de fotografias produzidas por crianças e adolescentes do distrito de Taboquinhas³, quando solicitamos que fotografassem personagens e lugares do conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*. Nossos objetivos, com tal provocação, foram percorrer (im)possibilidades de fixação, hierarquização, delimitação das expressões e(m) imagens, em uma ampliação para o entendimento de que os olhares que as percorrem, as atravessam, as perfuram, as ignoram, potencializam a produção, o compartilhamento e a invenção de conhecimentos, saberes, de relações entre estes e os ambientes nos quais tantas e múltiplas culturas cotidianamente se expressam.

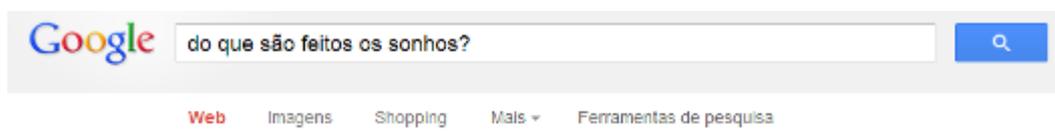
Queríamos possibilitar a criação de outras Chapeuzinhos, outros lobos, outras florestas, e tentar perceber as ressonâncias de um conto clássico, importado para o Brasil, há muitos anos, no interior da Bahia, num ambiente predominantemente rural. Esboçar, a partir desta experiência, algumas ideias no sentido de ampliar os conhecimentos entorno da relação imagem/educação propondo responder alguns questionamentos: O que habita o imaginário dessas pessoas? Que sonhos elas têm com esses contos clássicos? Como poderiam se “materializar” em fotografias, se a música nos traz que *Sweet dreams are made of this...*? O que poderíamos pensar sobre essa matéria prima dos sonhos? Aliás, quem somos nós para discordar? Seriam as palavras dos livros e as

responsáveis pela divulgação de muitos contos de fadas. Maiores informações nos sites: <<http://grimmb.com/>> e <<http://www.nbc.com/grimm/about/>>

² Cantiga de *Chapeuzinho vermelho* de autoria de João de Barro.

³ Distrito pertencente ao município baiano de Itacaré, litoral sul do estado da Bahia.

cabeças de gentes que compõem os sonhos? E por onde trilhariam Chapeuzinhos de cores diversas por essas estradas a fora onde vamos tão sozinhos? Talvez devêssemos buscar no *Google*:



Aproximadamente 6.650.000 resultados (0,33 segundo...)

[William Shakespeare: Nós somos do tecido de que são feitos os...](#)
[pensador.uol.com.br](#) > [autores](#) > [William Shakespeare](#)

William Shakespeare: Nós somos do tecido de que são feitos os... Nós somos do tecido de que **são feitos os sonhos**. William Shakespeare - Adicionar à minha ...



E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pos.

Figura 6: Ref. J. G. Rosa. *Fita verde no cabelo: nova velha estória*. Ilustração de Roger Mello

Nossos tecidos é que são os sonhos? Ou os sonhos é que compõem os tecidos oníricos? Oh! William, talvez só mesmo viajando pelos setes mares..., como nos indica o caminho de *Sweet dreams*: “Travel the world and the seven seas / Everybody's looking for something”. E você, Chapeuzinho? Por onde tem caminhado? Pelas setas direcionadas do *google* de 20/12/12 quando foram completados 200 anos da primeira publicação dos contos dos irmãos Grimm?⁴ Ou continua a escolher florestas (im)prováveis de sombras verdes como a fita inexistente em seu cabelo?

Nas imagens produzidas pelas crianças e adolescentes de Taboquinhas, e também pelos pesquisadores envolvidos, sentidos de ambientes e cotidianos *atraversam*, mas em outras imagens, outros mundos. Seriam outros mundos mesmo ou ‘apenas’ expressões irrompidas em signos? Ou ainda, seriam outros mesmos ou ‘apenas’ *entre*-mundos, tal qual o sentido que Raymond Bellour dá para a imagem como sendo um “entre-imagens”, “um ‘entre’ rosto e paisagem, um ‘entre’ olho aberto e olho fechado.” (BUCCI-GLUCKSMANN, 2007, p. 75)? Entre o lobo e o vermelho, entre a estrada e o medo, entre sonhos e matérias, e quem mais quiser entrar para provocar tensionamentos às seguintes questões de pesquisa a que nos propusemos percorrer: Que experimentações poderão ser feitas com as imagens que potencializem uma conversa *entre* identidades, diferenças, culturas, imagens e conhecimentos? Como sair do plano da representação e, junto com o conceito de signo (DELEUZE, 2003) criar paisagens-sensações desde dentro da imagem clichê? Que considerações essas perguntas, ao tentarem ser respondidas, movimentaram na relação imagem/educação?



Figura 7: Dina Goldstein. *Not So Little Red Riding Hood*. Fonte: Dina Goldstein Art (site da artista)

⁴ Informação disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/internet/contos-de-grimm-sao-homenageados-pelo-google-no-200-aniversario,6e2f575c527bb310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>> Acesso em: 16 abr. 2013

Essa imagem produzida pela fotógrafa canadense Dina Goldstein (Figura 7) é muito oportuna, porque, embora tenha todos os elementos “clichês” da história – uma menina com um capuz vermelho e uma cesta com algo dentro, caminhando sozinha numa floresta –, também traz algo que, de algum modo, nos incomoda. Seria a Chapeuzinho gorda, carregando uma cesta de *fast-foods*, que nos provoca, pois vivemos em uma sociedade que valoriza a magreza e está na moda falar de alimentação saudável? Para além da denúncia ou da problematização que a autora pode ter almejado expressar, não saiu do plano da representação e se posicionou como uma fotógrafa atenta aos costumes contemporâneos, testemunhando mudanças de comportamento e de cultura.

Por entre tantas fotografias de “Chapeuzinhas”, escolhemos aceitar o convite da filósofa Eugénia Vilela e pensar na fotografia pela força do testemunho, propondo-nos cogitar esse testemunho como um modo de *irrupção de acontecimentos* (VILELA, 2008, p. 133-149), diferentemente da intensa identificação desse conceito à *produção de sentidos e afecções* sob a lógica clássica da narrativa. O que testemunha a testemunha? Poderia a testemunha testemunhar a realidade? Ao pensar com a arte, testemunhar, para Vilela (2008, p. 141), nas palavras de Soljenytsyne, “é um gesto de arrancar a linguagem ao desaparecimento de um destino sem sombra.” A arte surge como uma experiência daquilo que não nos foi dado a viver. Como testemunhar? Testemunhos perdidos, testemunhos que se perdem da ideia de dar visibilidade aos cotidianos, testemunhos que se despem dos caminhos *encurtosos* das políticas de representação e in-vestem, trans-vestem pelos de “cá, louco e longo” do conceito deleuziano de signo, buscando uma relação entre pesquisa, arte e educação visual, no sentido de desequilibrar fronteiras fixas entre culturas, ambientes, fotografia, ficção, realidade, memória e imaginação. Sistemas de forças em planos de sensações, ao propor que educações e ambientes sejam multiplicidades a per-correr as fotografias e não conceitos fechados, a delimitar significações do que ‘realmente seriam’ educação, ambiente e cultura. Incomodar, junto a uma proposta de experimentação. Permitir que os signos *atravessem* as imagens aqui trazidas, em

[...] uma proposta de explorar imagens *in-cômodas*, que saltam em multiplicidades e novas existências, que propõem um encontro ao inusitado, ao improvável; imagens *desnecessárias* que proliferam pensamentos diversos, incontrolláveis e ilimitados; imagens que suscitam ideias e criações, que movimentam as comunicações, as ciências (PESTANA, 2011, s/p).

Se não há diferenças entre a (in)existência... *everybody's look for something...*

E ela mesma resolveu tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós. Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeíñas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa. Vinha sobejadamente.

João Guimarães Rosa. *Fita Verde no Cabelo*



Figuras 8 e 9: fotogramas do episódio Grimm

Tentemos, sobejadamente, caminhar pela estrada *aforadentro*, junto aos conceitos produzidos a partir de pesquisas já realizadas através de outras tantas investigações e ações de extensão que nos apresentaram um diagnóstico inicial: as imagens-escritas, no caso dessas investigações, consideradas como de divulgação científica, são extremamente representacionais, carregando formatos, por vezes, “didatizantes” e que parecem querer fixar significações, explicações, em um fluxo linear de produção de pensamento e conhecimento. Nossa aposta então, a partir dessas constatações, e também pensando em outros atravessamentos para as imagens-escritas que não estritamente as pertencentes à divulgação científica, consistiu em buscar um deslocamento desse “[...] campo representacional e inventarmos outras formas de imaginação” (AMORIM, 2009).

Essas invenções, por sua vez, se ampliaram para outros campos do conhecimento, da produção e dos diálogos entre saberes e conhecimentos, articulando-se com uma postura estético-política de interrogação a qual denominamos de “política representacional”, manifesta na insistência, marcadamente em uma filosofia e epistemologia presentes em muitas pesquisas sobre imagem e educação, de uma delimitação estrita da verossimilhança, priorizando um modelo

hierarquizante de comunicação-(re)cognição, produzindo poucas possibilidades de multiplicação de sentidos para os fenômenos, os objetos, as imagens, as escritas, a vida, o mundo.

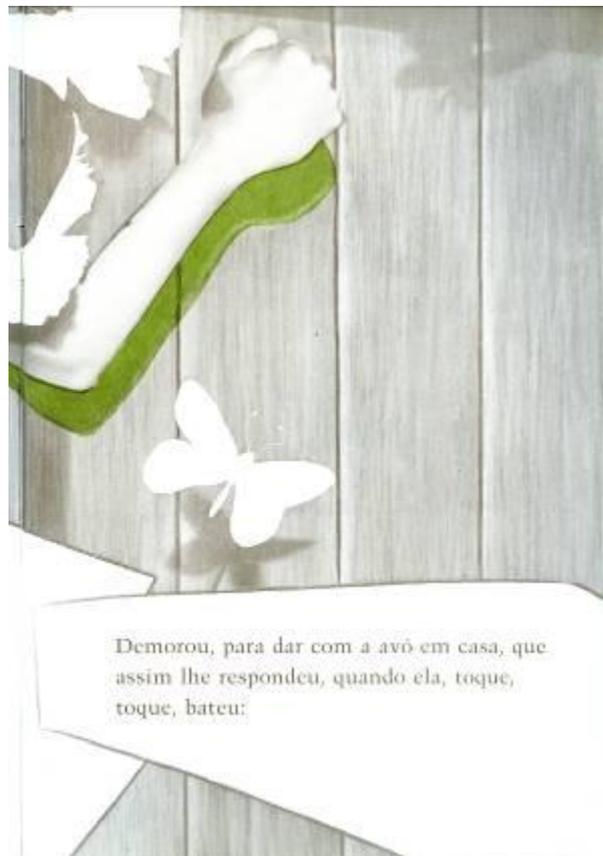


Figura 10: *Fita verde no cabelo: nova velha estória.*
Ilustrações de Roger Mello

Conexões com pesquisas que realizamos anteriormente nos convidaram ao prazeroso e desafiante jogo do experimentar. Entre as imagens, os sons, as escritas e as ciências, o desafio foi buscar uma pulsação ritmada pelo conceito de fabulação (DELEUZE, 2005; FOUCAULT, 2006), como um convite para tomarmos a ficção em sua força política, movimento de ação sobre e no mundo. Um fabular que difere da aposta em entender o mundo como lugar natural da realidade e da verdade, cabendo tão somente à ficção tornar mais evidente, mais bonito, ou mais “qualquer coisa” esse mundo “realístico e verdadeiro”. O conceito de fabulação tomado por nós arrisca buscar um mundo plural, que compreende tanto a ficção como a realidade, tanto a mentira quanto a verdade como efeitos das escritas, imagens e ciências que povoam e co-criam o mundo, possibilidades de um real (VOGT et al., 2012).

Nestroviski (2002) nos auxilia a nos movimentarmos pelos interstícios impossíveis de uma linha demarcatória da existência ou não dos animais que conhecemos, tal como a dupla da banda *Eurythmics* nos afirma uma ausência: os doces sonhos são feitos disso. Mas, disso o que? Afirmar ausências seriam realidade ou ficção? Desde dentro dessas ressonâncias é que tentamos, com as reflexões aqui apresentadas, extrapolar o conceito de fabulação, no sentido de ampliar o de imagem e, junto a tal ampliação, o de estética e política nas educações visuais. “Deleuze e Guattari propõem o rompimento com a transcendência. E isso nos assusta. Tão acostumados estamos com a idéia de uma educação transcendente, idealizada. Chapeuzinho com medo do lobo. Ou temendo a falta da fita, que garante, segura.” (MARQUES, 2008, p. 279). Chapeuzinho obesa com uma cesta de *fast-foods*, ou lobo com medo da Chapeuzinho..., ou ainda um lobo que mais parece um cachorro manso, nas fotografias inventivas das pessoas de Taboquinhas (BA).

Desacostumar e convidar o conceito de signo. Maquinações de signos a (de)comporem entendimentos sobre os sentidos (presentes ou ausentes) nas imagens. Abrir fissuras e disparar correntes de AR, arejAR, deslocAR, atravessAR(-se) por um procedimento político; um movimento de resistência versado pela proposta de um *mundo-signo* para *atraversarmos* os artefatos culturais, inspirados em Wladimir Garcia (2010) que nos diz desse conceito ao apresentar a liquidez e heterogenia da cultura em um pensamento do campo pós-estruturalista: “O mundo-signo articula-se como série de ficções: ficções políticas, ficções nacionais etc.” (GARCIA, 2010, p. 142-143).

Mundo-signo a experimentar junto das ficções fazendo fugir um cotidiano que se coloca como conceito de presente ou registro de um passado, de um ambiente que se apresenta como conceito de um espaço ou memória de uma falta; signos em um devir, que extrapolam uma organização linear de finalidade, realização, verdadeiro-falso, seja de pensamentos, objetivos, ideias, explicações, aplicações, divulgações, educações. Explorar um provável desprezo que os signos apresentam, imanente ao seu funcionamento, de entender-explicar/refletir-mundo-ensinar.

Mundo-signo em movimento expressivo, intensivo, abrindo frestas nos modos repetitivos de produção de imagens, que também são modos calcificados de pensar a ciência, a educação, a divulgação, a cultura... *Des-a-costumes...* Cultura como um costume que se choca com um mundo inventado, ficcionado, fabulado, pois é preciso se des-a-costumar para conviver. “Experimentei o amarelarte e o filosoazul provocando tons sem fim de verde em mim” (MARQUES, 2010, p. 88). Fitas, cores, chapéus, irmãos Grimm, Guimarães Rosa, Gilles Deleuze. Privilegiar os signos que, tal como em Proust, são emitidos o tempo todo por pessoas, objetos, matérias, formando a unidade e pluralidade da *Recherche* (DELEUZE, 2003).

O signo, nessa perspectiva, é o efeito de encontros com o mundo. Ou seja, o signo em Deleuze, não é uma entidade abstrata, ligada a esquemas formais do tipo

significado-significante, mas, ao contrário, ele está intrinsecamente ligado aos momentos mais concretos e cotidianos, embora com eles não se confunda. Algo se torna signo quando traz *implicado* em si um sentido implícito que transcende as possibilidades familiares de significação da coisa observada e, ao mesmo tempo, força nosso pensamento a *explicá-lo* (NASCIMENTO, 2011, p.1).

Implicar. Explicar. Plier. Dobrar. “[...] Pois não são os começos nem os fins que contam, mas o meio. As coisas e os pensamentos crescem ou aumentam pelo meio, e é aí onde é preciso instalar-se, é sempre aí que isso se dobra.” (DELEUZE, 2006a, p. 200). Dobra da fita inventada, da capa invisível, do tecido onírico, do sonho-desejo de um lobo. Instalarmo-nos *entre*, sem saber que(m) somos nós e aos quais nós tentamos desacostumarmo-nos. Linhas *implicadas* que não mais *explicam*, *ex-plicantes*, contorcidas. Movimentos sensórios a produzirem e emitirem signos, constante e efemeramente, implicando em si, como signo, a heterogeneidade enquanto relação (DELEUZE, 2003, p. 21).

— Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?
— É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha... — a avó ainda gemeu.
Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez.
Gritou: — Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!”
Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo (ROSA, 2002, s/p).

Heterogeneidade estendida ao pensamento-arte de Guimarães Rosa, que, segundo Marques (2010), elabora um espaço não-rígido, permitindo fluidez e qualidades próprias em sua expressão, um espaço liso, um lugar de experimentação, tal como Deleuze pensou o pensamento. Continua a pesquisadora: “No liso do sertão tudo é possível, até reinventar a sua própria história” (p. 92). Provocamos, então: no liso das cores tudo é possível, até...

Radicalizar a imagem significa voltar ao que domina qualquer imagem criativa: o funcionamento do pensamento, seu poder e seu *impoder*. Pois é realmente através da imagem que o pensamento se vincula com seus limites e suas margens: o impensado, o irrevogável, o inexplicável, o intolerável, até da violência e da morte (BUCI-GLUCKSMANN, 2007, p. 71).

Continuar pela estrada a fora com Christine Buci-Glucksmann nessa radicalização, deixando-se invadir pelo trabalho da linha e da dobragem, que anima a imagem, *duplicando* a função ótica com a *haltica* (o tato), colocando em jogo a interferência dos planos de criação e suas metamorfoses. Heterogênese de sentidos. Signos explorados, explodidos, *implicados*. Buscar uma educação visual, através dessas experimentações com as fotografias e os conceitos aqui apresentados, que tenha a imagem não como representação fixa de uma certa visibilidade, mas como criação de novas visualidades; “visagens” que não dão a ver o mundo, mas o tornam *visível* no plano das sensações, numa postura político-estética a permitir atravessamentos das

heterogeneidades que ecoam das expressões nas imagens que, não mais aprisionadas na representatividade, se propõem a sentir-se em signos. Pois Deleuze nos diz que “em primeiro lugar é preciso sentir o efeito violento de um signo, e que o pensamento seja como que forçado a procurar o sentido do signo” (DELEUZE, 2003, p. 22).

Violentos versos (são) sentidos os signos (vão)



Figura 11: Gerard Fromanger. *Violet de Bayeux* (from *Le peintre et le modèle*). Fonte: Arcadja.com

[...] Seguimos o Violet de Bayeux, com uma gama ascendente quente: um homenzinho, atrás, é constituído verde e frio, para, por oposição, aquecer mais o roxo potencialmente quente. Não é suficiente para que a vida passe. Mas assim o verde frio está agora sozinho, posto fora do circuito, como se tivesse esgotado sua função num só golpe. É preciso sustentá-lo, recolocá-lo no quadro, reanimá-lo, reativá-lo no conjunto do quadro, com um terceiro personagem azul frio atrás do amarelo. [...] o quadro funciona a partir do desperdício da foto não menos que a foto a partir das cores constitutivas do *quadro*. (DELEUZE, 2007, p. 315)

Deleuze (2009) apresenta, intensamente, a força do funcionamento das obras de Fromanger, principalmente as da série *Le peintre et le modèle*. Obra do início da década de 1970, as cores em camadas pela foto criam circuitos, segundo Deleuze, que desestabilizam o que comumente se consegue pensar quando nos depararmos com um quadro – sua representação, sua mensagem ‘escondida’ – e, através dessa potência, expulsa radicalmente “a amargura, o trágico, a angústia, de toda essa merda dos falsos grandes pintores ditos testemunhos de sua época.” (DELEUZE, 2006b, p. 317).

Um mundo quente, roxo, cuja sensação de quente se amplia com a mulher nua em roxo e as pessoas, cada uma com uma cor, o verde frio, o azul, o amarelo, o cinza e o preto-sombra. Pessoas que habitam o mundo das sensações, com a energia que lhes cabem, com as trocas possíveis com este universo. Como procedimento político, Fromanger aposta na extração, sem supor abstração alguma. E, aqui, roubamos esse sentimento de extração e funcionamento para circular pelas fotos, tendo como um mantra ‘de fundo’ a alegria desde dentro do que mais se deseja combater. Resistir *nas* entranhas. “É curioso: a que ponto um revolucionário só age em função do que ele ama *no* próprio mundo que ele quer destruir. Só há revolucionário alegre, e só há pintura estética e politicamente revolucionária alegre.” (DELEUZE, 2006b, p. 317). Por isso cantamos *pela estrada a fora eu vou bem sozinha...*



- Minha filha Chapeuzinho, como você vai ver a vovó?
- De jegue minha mãe!
- Tenha cuidado com o lobo-gato!
- Tá bom minha mãe, ele é lindo e gosta de ficar descansando na cadeira, não se preocupe.

Figuras 12 e 13: fotografias (re)inventadas

Fotografias (re)inventadas, descrições inventadas por nós, em *courier new* (correio novo). *Atravessar* em uma vontade de subversão no desenvolvimento metodológico ao trabalhar com as imagens: como podem ser rasuradas de seu com-texto e, nessa fenda, desejar que intensifiquem e potencializem a criação de pensamento e conhecimento desde dentro dessa fenda, dessa ferida? Inventar na invenção e propagar sensações através de signos imprevisíveis..., através do carteiro-lobo (figuras 8 e 9)?

Atualmente, com inúmeros *softwares* de edição de imagens, uma característica que parecia

“natural” das fotografias – registro do que “realmente” aconteceu – se esvai, juntamente com algumas “certezas” muito comuns no campo educacional, ou seja, o auxílio da imagem como ferramenta explicativa, como acessório na criação de metáforas e analogias. Aqui apostamos em uma “ação” para as imagens, apresentando-as como espaços de criação de pensamento e conhecimento, propondo um escapar de uma linearidade que organiza o antes – momento da produção da imagem – e o depois – momento em que a imagem é vista – dentro da lógica da continuidade, de uma comunicação controlada e estável. Trazemos uma série de imagens, textos, e outras coisas que “coletamos” no caminho, para desenvolver uma análise que tem como base teórica, os estudos de Gilles Deleuze e outros pesquisadores alinhados a esse teórico.

Essa vontade de invenção nos levou a reunir os adolescentes e crianças de Taboquinhas (BA) em uma manhã de sábado em novembro de 2012. Conversamos a respeito de nossas propostas com as fotografias e o conto da Chapeuzinho Vermelho. Lemos, para eles, duas versões da história, e lhes entregamos máquinas fotográficas para passearem pelo vilarejo.



O lobo apenas esperava o momento exato, preciso (e por isso precioso) pensou de entrar pela chaminé da casa onde mora a vovó. Já que havia esperado tanto por esse momento, analisou melhor e resolveu descansar um pouco mais nessa tranqüila manhã.

Figuras 14 e 15: Fotografias capturadas em Taboquinhas (BA)

Personagens, percursos, re-invenções, potência de criar não se prendendo a uma autoridade verdadeira para uma possível equivalência dos personagens, dos lugares e mesmo da própria história. O que buscamos, com essas fugas de uma política da representação, é “distinguir a ‘representação da imagem’ (objeto ou conteúdo) da ‘imagem como criadora’” (BUCI-

GLUCKSMANN, 2007, p. 70). Questionar até que ponto uma imagem pode/quer quantidades de analogias..., esvaziAR... re-inventAR.

[...] Toda imagem tem seu território – um plano – que ela procura ‘des-territorializar’ pelo vazio, e por meio desta linha de fuga de um deserto como fantasma e figura do pensamento, para retomar análises e trípticos fotográficos de Miguel Rio Branco: ‘entre os olhos, o deserto’ (BUCI-GLUCKSMANN, 2007, p. 74).

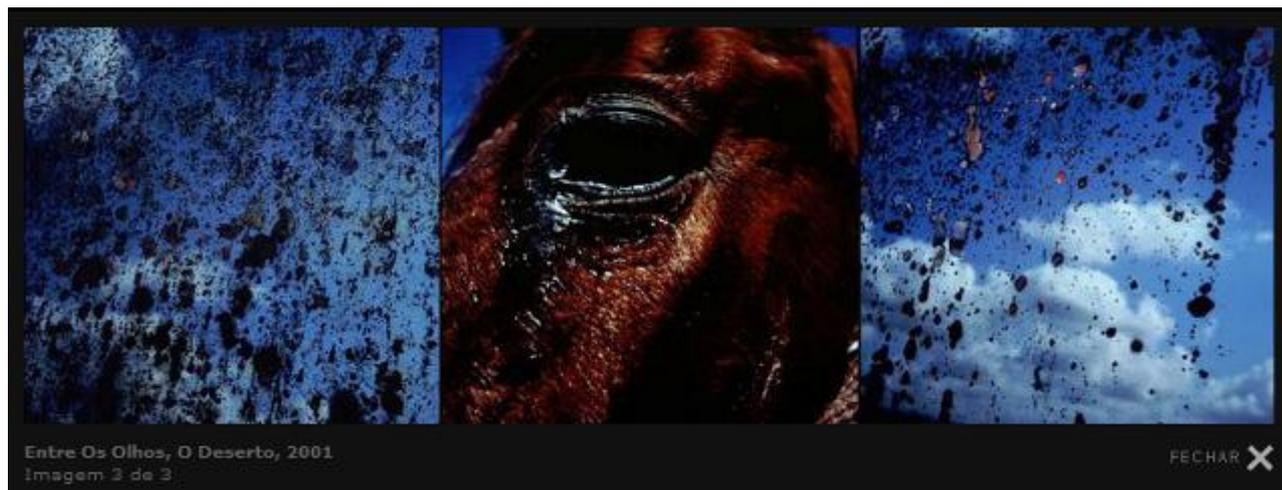


Figura 16: Miguel Rio Branco. *Entre Os Olhos, O Deserto*. Fonte: Miguelriobranco.com (site do artista)

Deleuze, ao falar das pinturas de Bacon, em *Francis Bacon: lógica da sensação*, intensifica com os pares e trípticos do pintor, “onde o acoplamento das sensações de níveis diferentes produz a Figura acoplada (e não o inverso)” (DELEUZE, 2007, p. 70). Figuras que não se relacionam entre si de forma narrativa ou ilustrativa, nem mesmo lógica, uma vez que “A vibração já se faz ressonância” (DELEUZE, 2007, p.71). Não pretendemos, de modo algum, comparar produções artísticas, como a do artista brasileiro Miguel Rio Branco, que aqui trazemos – nesse belíssimo tríptico (Figura 16) – com a do pintor irlandês, e muito menos fazer esta comparação com as fotografias de nossos fotógrafos infanto-juvenis. O que queremos aqui é roubar essas ideias deleuzianas para provocar as fotografias a desmobilizarem as demarcações que tantos cotidianos escolares produzem no campo educacional.



Os caminhos para a casa da avó são muitos, diversos, não se sabe em qual(is) caminhos per-corre o lobo. É tudo longe... portanto, os caminhos são muito importantes, talvez até mais que o lobo, a casa da avó, da Chapeuzinho. O caminho é a dobra. *ExplicAR*.

Figura 17: Fotografias feitas em Taboquinhas (BA)

Invenções. Sonhos. Liberar fitas multicoloridas e extravasar os limites das imagens das fotografias que se sobrepõem ao meio da imagem. Caminho louco, imprevisível, curva-reta, forçar o pensamento. Tanto em Bacon quanto em Proust, Deleuze (2007) discorre brevemente, escolhem os procedimentos da memória involuntária para movimentar suas obras. Nessa interseção literatura e pintura, o que nos chama a atenção é precisamente o que nos intensifica nesse texto: os signos como potencializadores de acoplamento e complexificação das sensações. Roubar essas forças conceituais na hibridização literatura-pintura para pensar a educação que perpassa a imagem.

Como sair da tela em branco, já preenchida, em que estamos? Como possibilitar miragens e deambulações, no campo educacional, pelas frestas das margens que não se enquadram e, ao mesmo tempo, possibilitam movimentos em pensamentos forçados a serem pensados? “Fita-Verde brinca com suas sombras, com suas asas. Diverte-se com o não voar das avelãs, com inalcançar borboletas, com ignorar flores.” (MARQUES, 2007, p. 76). Imensa vontade de ativar outras sensações, deixando escapar as moralidades. Outras a-tensões. Dis-tensões.

Um corte nos sentidos estabelecidos..., medo, estranhamento, novidade. Como estas obras espalhadas pelo mundo abrem outras sensibilidades que não mais a busca pedagógica – que não se limita apenas escolar, mas espalha-se nos diferentes aparatos comunicacionais – da criação de

imagens que se aproximam de um real explicável como se fosse possível explicar qualquer real? Chapeuzinhos, fitas, cores, lobos, caminhos, sons..., signos que se multiplicam caoticamente por tantas estradas a fora na *net*, na escola, nos livros, dentro da cabeça da gente, nos livros, nos mundos. “Educação sem imagem previamente definida. Educação que se faz pelas brechas de atuação, nos muitos agenciamentos da escola, como veredas que apontam singularidades e multiplicidades.” (MARQUES, 2007, p. 80).

Conclusões: queríamos possibilitar a criação de outras Chapeuzinhos, lobos, florestas e...

Voltemos, então, aos nossos questionamentos para acompanhar o vídeo Chapeuzinhos em *sweet dreams...*, produzido por nós, disponível em <<https://vimeo.com/64062017>>⁵. O que habita o imaginário dessas pessoas? Que sonhos elas têm com esses contos clássicos? Como poderia se “materializar” em fotografias se a música nos traz que *Sweet dreams are made of this...*? O que poderíamos pensar sobre essa matéria prima dos sonhos? Aliás, quem somos nós para discordar? Seriam as palavras dos livros e as cabeças das gentes que compõem os sonhos? E por onde trilhariam Chapeuzinhos de cores diversas por essas estradas a fora aonde vamos tão sozinhos?

Imagens, palavras e questões são nosso desejo expresso de possibilitar outras criações para a Chapeuzinho, será que possibilitamos?

Referências

AMORIM, Antonio Carlos. Quando os outros são incorpóreos na/da/pela imagem... In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL AS REDES DE CONHECIMENTOS E AS TECNOLOGIAS: OS OUTROS COM LEGÍTIMO OUTRO, 2009, Uerj. *Anais...*. Rio de Janeiro: Uerj, 2009, 14p. [CDRom]

BUCI-GLUCKSMANN, Christine. Variações sobre a imagem: estética e política. In: LINS, Daniel (Org.). **Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação**. Simpósio Internacional de Filosofia, 2005. Rio de Janeiro / Fortaleza: Forense Universitária / Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

CONTOS de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Apresentação Ana Maria Machado. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CONTOS de Grimm são homenageados pelo Google no 200º aniversário. Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/internet/contos-de-grimm-sao-homenageados-pelo-google-no-200-aniversario,6e2f575c527bb310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>> Acesso em: 10 abr. 2013

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta: e outros textos**. Ed. preparada por David Lapoujade. Org. da edição brasileira Luiz B. L. Orlandi. São Paulo : Iluminuras, 2006b.

_____. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2006a.

⁵ Para visualizar o vídeo digite a seguinte senha: anped

_____. **Francis Bacon: lógica da sensação.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. **Proust e os signos.** Tradução Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GARCIA, W. A. C. Pós-Modernidade e Diferença. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 36, p. 139-144, 2010. Disponível em:

MARQUES, Davina. **Experimentações: deleu-guata-roseando a educação.** 2007. 92p. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) - Faculdade de Educação, Unicamp, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000423960>> Acesso em: 10 abr. 2013

_____. Experimentações: en-feitiços. In: AMORIM, Antonio Carlos; GALLO, Silvio; OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao M. O. (Orgs.). **Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...Petrópolis / Brasília: De Petrus / CNPq**, 2011. p.

_____. Fita verde de experimentação. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, n. esp., p. 278-81, out. 2008. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1564/1414>> Acesso em: 10 abr. 2013

NASCIMENTO, Roberto. Deleuze y Proust: subjetividad y pensamiento disparatados por signos. **Alcances Revista de Filosofia**, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://alcances.cl/ver-articulo.php?id=89>> Acesso em: 10 abr. 2013

NESTROVSKI, Arthur. **Bichos que existem & bichos que não existem.** Ilustração Maria Eugênia. São Paulo: Cosac Naif, 2002.

PESTANA, Fernanda C. M. **Educação visual, design e minoridade: foto(des)montar os padrões da divulgação científica.** Relatório Parcial de Bolsa de Iniciação Científica, Fapesp, 2011.

ROSA, João G. **Fita verde no cabelo: nova velha estória.** Ilustrações Roger Mello. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1992.

VILELA, Eugênia. A criança imemorial. Experiência, silêncio e testemunho. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (Org.). **Filosofia, aprendizagem, experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VOGT, et al. *Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabul-ação: o que pode a divulgação científica.* Relatório final. Edital Universal CNPq 478004/2009-5. Unicamp, 2012.

Sites consultados:

MIGUELRIOBranco.COM

<http://www.miguelriobranco.com.br/portu/comercio2.asp?flg_Lingua=1&flg_Tipo=f3> Acesso em 10 de abril de 2013

ARCADJA.COM.

<http://images.arcadja.com/fromanger_gerard_violet_de_bayeux_~OM2f1300~10519_20121216_20492_185.jpg> Acesso em 10 de abril de 2013

GRIMMBR <<http://grimmb.com/>> Acesso em 10 de abril de 2013

GRIMM <<http://www.nbc.com/grimm/about/>> Acesso em 10 de abril de 2013

DINA GOLDSTEIN ART <<http://www.dinagoldsteinart.com/fallen-princesses/>> Acesso em 10 de abril de 2013